

Transferência e Contratransferência: Implicações Éticas na Prática Psicanalítica

Transference and Countertransference: Ethical Implications in Psychoanalytic Practice

Transferencia y contratransferencia: implicaciones éticas en la práctica psicoanalítica

DOI: 10.55905/rmuscv3n1-013

Recebido: 17/03/2025

Aceito: 07/04/2025

Gabriel César Dias Lopes¹, Pollyanna Carvalho Pereira Lopes²

RESUMO

Introdução: A transferência e contratransferência são fenômenos centrais na psicanálise, moldando a dinâmica terapêutica entre analista e paciente. Este artigo revisa a evolução desses conceitos, desde sua concepção como obstáculos até seu reconhecimento como ferramentas clínicas, destacando implicações éticas e práticas em contextos diversos. **Objetivo:** Analisar criticamente a literatura sobre transferência e contratransferência, explorando sua aplicação em populações específicas (crianças, pacientes borderline, agressores) e os desafios éticos decorrentes. **Método:** Revisão integrativa de estudos qualitativos e teóricos, incluindo teses e artigos publicados entre 2007 e 2025, com abordagem psicanalítica. Foram selecionadas pesquisas que abordam experiências clínicas, como as de terapeutas QUEER (O’Heron, 2007), profissionais que atendem agressores (Banks, 2008) e crianças (Tsarkova, 2015). **Resultados:** A contratransferência, inicialmente vista como interferência, é hoje reconhecida como recurso terapêutico inevitável. Estudos revelam que: (1) fatores como identidade de gênero e classe social influenciam suas manifestações (Patterson, 2013); (2) em pacientes borderline, exige contratos claros e "holding environment" (Vollenhoven-Brown, 2008); (3) na terapia infantil, demanda adaptações lúdicas (Tsarkova, 2015); e (4) na transferência idealizadora, requer manejo ético (Spera, 2015). A autorrevelação do terapeuta, embora útil, carece de diretrizes consensuais (Willott, 2007). **Conclusões:** A prática psicanalítica contemporânea exige integração crítica das emoções do terapeuta, supervisão contínua e adaptação a contextos específicos. A contratransferência, quando refletida, amplia a compreensão do inconsciente e fortalece a aliança terapêutica, mas seu uso demanda rigor ético e formação especializada.

Palavras-chave: transferência, contratransferência, psicanálise, ética clínica, relação terapêutica.

¹ Doutor em Psicologia (Psy.D), European International University (EIU). Paris, França.
E-mail: president@unilogos.edu.eu Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4977-5873>

² Especialista em Psicanálise, Faculdade do Bico (FABIC), Augustinópolis, TO. Brasil.
E-mail: atendimento@unilogos.edu.eu Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2920-6383>

ABSTRACT

Introduction: Transference and countertransference are central phenomena in psychoanalysis, shaping the therapeutic dynamics between analyst and patient. This article reviews the evolution of these concepts, from their conception as obstacles to their recognition as clinical tools, highlighting ethical and practical implications in different contexts. **Objective:** To critically analyze the literature on transference and countertransference, exploring their application in specific populations (children, borderline patients, aggressors) and the resulting ethical challenges. **Method:** Integrative review of qualitative and theoretical studies, including theses and articles published between 2007 and 2025, with a psychoanalytic approach. Research studies that address clinical experiences, such as those of QUEER therapists (O’Heron, 2007), professionals who treat aggressors (Banks, 2008) and children (Tsarkova, 2015), were selected. **Results:** Countertransference, initially seen as interference, is now recognized as an unavoidable therapeutic resource. Studies reveal that: (1) factors such as gender identity and social class influence its manifestations (Patterson, 2013); (2) in borderline patients, it requires clear contracts and a "holding environment" (Vollenhoven-Brown, 2008); (3) in child therapy, it demands playful adaptations (Tsarkova, 2015); and (4) in idealizing transference, it requires ethical management (Spera, 2015). Therapist self-disclosure, although useful, lacks consensual guidelines (Willott, 2007). **Conclusions:** Contemporary psychoanalytic practice requires critical integration of the therapist's emotions, continuous supervision, and adaptation to specific contexts. Countertransference, when reflected upon, broadens the understanding of the unconscious and strengthens the therapeutic alliance, but its use demands ethical rigor and specialized training.

Keywords: transference, countertransference, psychoanalysis, clinical ethics, therapeutic relationship.

RESUMEN

Introducción: La transferencia y la contratransferencia son fenómenos centrales en el psicoanálisis, que configuran la dinámica terapéutica entre analista y paciente. Este artículo revisa la evolución de estos conceptos, desde su concepción como obstáculos hasta su reconocimiento como herramientas clínicas, destacando las implicaciones éticas y prácticas en diferentes contextos. **Objetivo:** Analizar críticamente la literatura sobre transferencia y contratransferencia, explorando su aplicación en poblaciones específicas (niños, pacientes limítrofes, agresores) y los desafíos éticos resultantes. **Método:** Revisión integradora de estudios cualitativos y teóricos, incluyendo tesis y artículos publicados entre 2007 y 2025, con enfoque psicoanalítico. Se seleccionaron estudios de investigación que abordan experiencias clínicas, como las de terapeutas QUEER (O’Heron, 2007), profesionales que trabajan con agresores (Banks, 2008) y niños (Tsarkova, 2015). **Resultados:** La contratransferencia, inicialmente vista como una interferencia, ahora se reconoce como un recurso terapéutico inevitable. Estudios revelan que: (1) factores como la identidad de género y la clase social influyen en sus manifestaciones (Patterson, 2013); (2) en pacientes limítrofes, requiere contratos claros y un “entorno de contención” (Vollenhoven-Brown, 2008); (3) en la terapia infantil, exige adaptaciones lúdicas (Tsarkova, 2015); y (4) en la transferencia idealizadora, requiere una gestión ética (Spera, 2015). La autorrevelación del terapeuta, aunque útil, carece de pautas consensuadas (Willott, 2007).

Conclusiones: La práctica psicoanalítica contemporánea requiere la integración crítica de las emociones del terapeuta, la supervisión continua y la adaptación a contextos específicos. La contratransferencia, al ser reflexionada, amplía la comprensión del inconsciente y fortalece la alianza terapéutica, pero su uso exige rigor ético y formación especializada.

Palabras clave: transferencia, contratransferencia, psicoanálisis, ética clínica, relación terapéutica.

1 INTRODUÇÃO

A transferência e contratransferência são conceitos centrais na prática psicanalítica, refletindo a complexidade das interações entre terapeuta e paciente. A literatura sobre o tema tem evoluído significativamente, abordando nuances e implicações éticas que surgem na prática clínica. A tese de O’Heron (Leah. O’Heron, 2007) explora as experiências de contratransferência de clínicos *QUEER* durante suas primeiras gestações, utilizando uma definição ampla de contratransferência. A pesquisa qualitativa revela como diferentes escolas de interpretação, como a freudiana e a teoria das relações objetais, influenciam as decisões dos terapeutas sobre a autorrevelação. O trabalho destaca a inevitabilidade da contratransferência no espaço terapêutico e suas possíveis aceitações, que podem variar de incompatíveis a úteis.

Willott (R. Willott, 2007) complementa essa discussão ao comparar a atitude de terapeutas experientes e inexperientes em relação à divulgação da contratransferência. A autora enfatiza que, embora a autorrevelação esteja se tornando mais comum, a falta de pesquisa sobre sua eficácia e supervisão continua a ser um desafio, especialmente para clínicos novatos. A transição do terapeuta como observador neutro para participante engajado é um tema central, evidenciando a importância da teoria intersubjetiva na compreensão da dinâmica relacional.

Em 2008, Banks (Louise Banks, 2008) aprofunda a compreensão da contratransferência ao discutir o trabalho de clínicos femininos com homens que agrediram. A autora revisita a evolução do conceito de transferência, que passou de uma visão de resistência para uma ferramenta poderosa na psicanálise, destacando a importância da interpretação da transferência como um aspecto fundamental do

tratamento. Assim, a contratransferência é vista como um reflexo das experiências e desejos não resolvidos do cliente, que são projetados no analista.

Vollenhoven-Brown (Vollenhoven-Brown, 2008) aborda os desafios da contratransferência em pacientes com transtorno de personalidade borderline, enfatizando a necessidade de um contrato claro entre terapeuta e paciente. A autora discute a importância do ambiente de contenção e da relação terapêutica, que se torna central para o processo de cura, refletindo sobre as comunicações conscientes e inconscientes que emergem dessa interação.

Walther (Durbin Walther, 2011) critica a visão clássica da contratransferência, que muitas vezes desconsidera a utilidade das reações emocionais do analista. A autora argumenta que a discussão sobre contratransferência deve ser ampliada, reconhecendo que as emoções do terapeuta são inevitáveis e podem ser ferramentas valiosas para a compreensão do paciente. A perspectiva relacional é reforçada, destacando a importância de examinar as emoções do analista no contexto da terapia.

Patterson (Anna Patterson, 2013) investiga como o contexto social e a formação de classe influenciam as reações de contratransferência, especialmente em terapia de outreach. A autora argumenta que a contratransferência pode ser intensificada em pacientes com transtornos de personalidade e que ignorá-la pode resultar em emoções não resolvidas, como o abandono. A revisão da literatura revela a centralidade da contratransferência na técnica psicanalítica e como ela pode ser moldada por fatores externos.

Tsarkova (Tsarkova, 2015) foca na contratransferência em terapia com crianças, traçando a evolução do conceito desde Freud até suas aplicações contemporâneas. O artigo ressalta que, embora a contratransferência tenha sido inicialmente vista como um obstáculo, sua compreensão se expandiu, reconhecendo-a como uma parte integral da prática terapêutica.

Finalmente, Spera (Spera, 2015) investiga a transferência idealizadora e sua relação com a contratransferência, discutindo como os clínicos podem abordar essa dinâmica no ambiente terapêutico. A autora destaca a importância da interpretação da transferência como um meio para acessar os processos internos do cliente, ressaltando a relevância contínua da transferência na teoria psicanalítica.

Esses artigos juntos oferecem uma visão abrangente e crítica sobre a transferência e contratransferência, destacando suas implicações éticas e práticas na psicanálise contemporânea. A evolução do entendimento desses conceitos ao longo do tempo reflete a complexidade das relações terapêuticas e a necessidade de uma abordagem ética e reflexiva por parte dos clínicos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A tese: "Pregnant queer clinicians: an exploratory study of the countertransference experiences of queer clinicians during their first pregnancies", de (Leah. O'Heron, 2007), oferece uma análise aprofundada das experiências de contratransferência vivenciadas por clínicos queer durante suas primeiras gestações. A autora adota uma definição ampla de contratransferência, considerando todas as reações do terapeuta que ocorrem na matriz relacional bidirecional da relação terapêutica.

A pesquisa é fundamentada em entrevistas qualitativas com doze clínicos seniores queer, o que proporciona uma visão rica e diversificada sobre como a gravidez impacta a dinâmica terapêutica e as reações emocionais dos terapeutas. O estudo revisita a literatura existente sobre contratransferência, auto-revelação do terapeuta e as implicações da gravidez na relação terapêutica, destacando diferentes escolas de pensamento sobre o conceito de contratransferência.

A primeira abordagem discutida é a freudiana clássica, que limita a contratransferência às reações inconscientes do analista. Em contraste, a teoria das relações objetais apresenta uma visão totalista, enquanto a escola relacional interpreta a contratransferência como reações normais ou responsivas do terapeuta ao papel que desempenha. Essa diversidade de interpretações tem implicações significativas para as decisões dos terapeutas em relação à auto-revelação das experiências de contratransferência.

O'Heron (2007) também aborda a complexidade da pesquisa em contratransferência, dada a variedade de definições existentes. A autora advoga por uma definição moderada que permita um avanço na pesquisa nessa área, enfatizando que a contratransferência é um fenômeno inevitável e, em muitos casos, pode ser vista como útil e bem-vinda, ao invés de apenas um aspecto problemático da prática clínica.

Um dos pontos centrais da discussão é a mudança histórica na percepção do papel do terapeuta, que passou de uma figura clássica e neutra para um participante engajado no processo terapêutico. Essa transformação é crucial, pois implica que a relação entre terapeuta e cliente se torna um foco essencial da terapia, conforme enfatizado pela teoria intersubjetiva. (R. Willott, 2007) sugere que essa abordagem relacional permite uma melhor compreensão das dinâmicas que emergem no espaço terapêutico, onde a contratransferência pode ser reconhecida e utilizada de forma construtiva.

Entretanto, a autora também aponta para a falta de pesquisas que orientem a supervisão de clínicos novatos no uso da contratransferência, o que pode levar a uma prática inconsistente e potencialmente prejudicial. A revelação da contratransferência, embora possa enriquecer a terapia, também pode trazer à tona dilemas éticos, especialmente quando se considera a vulnerabilidade do cliente e o impacto que essa revelação pode ter na dinâmica terapêutica.

Além disso, (R. Willott, 2007) discute a variação nas crenças dos clínicos sobre a utilidade da contratransferência, que pode diferir significativamente entre grupos populacionais de clientes. Essa variação sugere que a formação e a experiência do terapeuta desempenham um papel crucial na maneira como a contratransferência é percebida e utilizada. A falta de consenso sobre as melhores práticas nesse domínio reflete a necessidade urgente de mais investigações e orientações claras para os profissionais.

O artigo "Taking the bait: countertransference among female clinicians who work with men who batter", de (Louise Banks, 2008), oferece uma análise profunda sobre a contratransferência no contexto da prática psicanalítica, especialmente entre clínicos que atendem homens agressores. A autora revisita os conceitos de transferência e contratransferência, começando pela introdução feita por Freud, que inicialmente considerou a transferência como um obstáculo ao tratamento psicanalítico. Com o tempo, essa perspectiva evoluiu, reconhecendo a transferência como um elemento crucial que pode propiciar avanços significativos no processo terapêutico.

Banks destaca que a contratransferência, conforme entendida por Freud, é uma resposta emocional do terapeuta às projeções do paciente, refletindo as dinâmicas inconscientes que emergem na relação terapêutica. A autora elucida que essa resposta não deve ser vista apenas como um desafio, mas também como uma oportunidade de compreensão mais profunda das interações entre o terapeuta e o paciente. A análise da

contratransferência, segundo Banks, é essencial para o terapeuta, pois permite uma reflexão crítica sobre suas próprias reações e sentimentos, os quais podem influenciar a eficácia do tratamento.

A autora também faz uma distinção importante entre as visões de Freud e Klein sobre a transferência. Enquanto Freud a via como uma forma de resistência, Klein a entendia como uma força que permeia todas as relações humanas, não se limitando ao espaço terapêutico. Essa diferença de abordagem ressalta a complexidade da transferência e contratransferência, sugerindo que a compreensão desses fenômenos é fundamental para a prática ética na psicanálise.

A análise crítica da contratransferência, conforme apresentado por Banks, enfatiza a necessidade de autoconsciência e supervisão contínua para os clínicos, especialmente em contextos desafiadores como o trabalho com agressores. O artigo sugere que a contratransferência pode ser uma ferramenta valiosa para a compreensão das dinâmicas de poder e violência, permitindo que os terapeutas abordem essas questões de maneira mais consciente e ética.

O artigo intitulado "The holding environment: challenges in the containment of a patient with borderline personality disorder", de (Vollenhoven-Brown, 2008), aborda questões fundamentais sobre a transferência e contratransferência no contexto da terapia psicanalítica, especialmente em relação a pacientes com Transtorno de Personalidade Borderline (TPB). A autora explora a complexidade da relação terapêutica e as implicações éticas que surgem dessa dinâmica.

Um ponto central discutido no artigo é a proposta de Kernberg de estabelecer um contrato claro antes do início da terapia. Essa abordagem visa preparar o paciente para entender que o terapeuta não estará sempre disponível para atender suas necessidades, o que é crucial para a construção de um ambiente terapêutico seguro e estruturado. No entanto, Gunderson apresenta uma perspectiva alternativa, sugerindo que essa discussão sobre disponibilidade deve evoluir a partir da curiosidade do paciente, enfatizando a importância da comunicação e do engajamento gradual na relação terapêutica.

A autora também destaca a ênfase de Winnicott na criação de um "holding environment" suficiente, que é essencial para a cura de conflitos internos. Essa ideia ressalta que a qualidade da relação entre terapeuta e paciente é um fator determinante no processo terapêutico. A capacidade do terapeuta de responder emocionalmente às

comunicações do paciente, tanto conscientes quanto inconscientes, é um aspecto que deve ser constantemente refletido, pois contribui para a construção de significados na interação.

Além disso, o artigo menciona a definição de contratransferência proposta por Ivey, que abrange a totalidade da responsividade emocional do terapeuta ao paciente. Essa definição amplia a compreensão da contratransferência, indo além das configurações intrapsíquicas para incluir o campo relacional da relação terapêutica. Essa abordagem é particularmente relevante, pois reconhece que as emoções do terapeuta são parte integrante do processo de cura.

Bollas, por sua vez, descreve a relação de transferência e contratransferência como um processo em que terapeuta e paciente "ficam loucos juntos" antes de alcançar a cura. Essa metáfora sugere que a identificação do terapeuta com a "loucura" do paciente pode ser um caminho para a cura, destacando a importância da reflexão sobre as significações interativas.

O artigo "When therapists attack: an aggressive instinct in the countertransference and aggressive behavior in technique" de (Durbin Walther, 2011) oferece uma análise crítica sobre a evolução do conceito de contratransferência na psicanálise, destacando as implicações éticas que surgem dessa dinâmica. A autora explora a citação de Sandor Ferenczi, que ilustra a tensão entre as noções clássicas e contemporâneas de contratransferência, enfatizando que a compreensão tradicional não leva em conta a utilidade dessas emoções para a técnica analítica.

Walther argumenta que a visão clássica da contratransferência, que foca no processo interno do analista, frequentemente desencoraja a discussão sobre as reações emocionais em relação aos pacientes, criando um ambiente onde tais sentimentos podem ser vistos como falhas profissionais. Essa perspectiva não apenas limita a compreensão do papel do analista, mas também pode levar a uma prática analítica que ignora a complexidade da relação terapêutica. A autora destaca que, à medida que a psicanálise evoluiu, tornou-se evidente a incompatibilidade entre a experiência dos clínicos e essa definição clássica, o que ampliou o debate sobre a contratransferência.

A contribuição de Alice e Michael Bálint para essa discussão é significativa, pois eles ressaltam que a configuração do consultório do analista oferece informações sobre a personalidade e o estado emocional do analista, o que pode influenciar a dinâmica da

terapia. Além disso, Walther menciona a necessidade de variações na técnica psicanalítica para atender a casos especiais, como crianças ou indivíduos com psicose, o que reforça a ideia de que a contratransferência deve ser considerada uma ferramenta investigativa essencial.

A perspectiva de Paula Heimann, que define a contratransferência como "todos os sentimentos que o analista experimenta em relação ao seu paciente", é central para a discussão proposta por Walther. Essa visão, referida por Otto Kernberg como abordagem "totalística", sugere que os sentimentos contratransferenciais não são apenas reações pessoais, mas sim componentes valiosos que podem enriquecer a compreensão do inconsciente do paciente. Assim, o artigo de Walther convida os profissionais a reconsiderarem a contratransferência como um elemento ativo e útil na prática clínica, em vez de um obstáculo a ser evitado.

O artigo "How Class Background Influences Negative Countertransference in Outreach Therapy", de (Anna Patterson, 2013), oferece uma análise profunda sobre como a contratransferência se tornou central nas técnicas psicanalíticas e psicoterapêuticas. A autora explora o conceito de contratransferência, definindo-o como o conjunto de sentimentos que o terapeuta experimenta em relação ao paciente. Essa dinâmica emocional é descrita como um processo inconsciente, intimamente ligado ao conceito de identificação projetiva, conforme proposto por Melanie Klein.

Patterson argumenta que a identificação projetiva envolve uma fantasia na qual parte do eu do paciente é dissociada e projetada no terapeuta, o que, por sua vez, influencia o comportamento deste último. Essa perspectiva é crucial, pois sugere que as reações emocionais do terapeuta podem ser profundamente impactadas pelas características do paciente, especialmente em casos de transtornos de personalidade. A autora destaca que a contratransferência pode ser desencadeada por sentimentos que o terapeuta considera desconfortáveis, o que é particularmente frequente em interações com pacientes que apresentam tais transtornos.

Um ponto crítico que o artigo aborda é a importância de não ignorar a contratransferência. Patterson sugere que desconsiderar essas reações pode ser interpretado como uma repetição das experiências de abandono que o paciente viveu em suas relações anteriores. Essa afirmação ressalta a relevância da consciência do terapeuta

sobre suas próprias emoções e reações, não apenas para o bem-estar do paciente, mas também para a eficácia do tratamento.

Além disso, a revisão da literatura apresentada no artigo inclui reações específicas de contratransferência provocadas por pacientes com transtornos de personalidade, oferecendo um panorama detalhado das implicações éticas que surgem nesse contexto. A autora enfatiza que a compreensão e a gestão da contratransferência são essenciais para evitar a reprodução de padrões prejudiciais na terapia.

O artigo "Exploring clinicians' experience of countertransference in play therapy" de (Tsarkova, 2015) oferece uma análise abrangente da contratransferência no contexto da terapia com crianças, evidenciando a importância da consciência do terapeuta sobre seus próprios sentimentos e as ferramentas disponíveis para processá-los. A autora inicia sua revisão literária com um histórico da conceituação de contratransferência, destacando como essa noção, embora profundamente enraizada na psicanálise, tem sido integrada em várias modalidades de psicoterapia contemporânea.

Tsarkova discute a evolução do entendimento da contratransferência, que, inicialmente, foi vista como um obstáculo que o analista precisava superar para garantir a eficácia do tratamento. Essa perspectiva, que remonta às ideias de Freud, enfatizava a necessidade de autoanálise e formação rigorosa do analista para evitar que conflitos não resolvidos interferissem na terapia. Contudo, a autora argumenta que essa visão tem se expandido, reconhecendo a contratransferência não apenas como um desafio, mas como uma ferramenta potencial para enriquecer a relação terapêutica e facilitar o processo de cura da criança.

No que diz respeito à terapia lúdica, Tsarkova explora como a contratransferência se manifesta de maneira única nesse contexto, considerando as características específicas do tratamento infantil. A autora sugere que a percepção dos sentimentos do terapeuta e a habilidade de refletir sobre eles são cruciais para a construção de uma relação terapêutica sólida, que pode, por sua vez, impactar positivamente o processo de cura da criança. Essa abordagem ressalta a necessidade de uma formação contínua e de um suporte adequado para os terapeutas, a fim de que possam lidar efetivamente com suas próprias reações emocionais durante o tratamento.

A conclusão do artigo destaca fatores únicos que devem ser considerados ao abordar a contratransferência em crianças, como a natureza da comunicação não verbal e

a dinâmica da relação terapeuta-criança. Tsarkova enfatiza que, ao invés de ser vista como um impedimento, a contratransferência pode ser uma fonte valiosa de insight que, quando reconhecida e trabalhada, pode enriquecer a prática clínica.

O artigo intitulado "Idealization: clinicians and the idealizing transference", escrito por (Spera, 2015) em 2015, oferece uma análise detalhada sobre o fenômeno da transferência idealizadora e suas implicações na prática clínica. A autora revisa a literatura empírica e teórica sobre a transferência idealizadora, questionando a utilização mais eficaz dessa dinâmica na sala de terapia.

Spera inicia o artigo com definições concisas de transferência e contratransferência, estabelecendo um contexto fundamental para a compreensão dos conceitos. A transferência, um pilar da teoria psicanalítica, é descrita como a projeção de sentimentos e desejos de relações passadas no contexto terapêutico. A autora destaca a importância da transferência como um meio de acesso ao inconsciente do cliente, permitindo que padrões internos sejam reexperimentados e reavaliados na relação terapêutica.

No desenvolvimento do artigo, Spera se concentra na transferência idealizadora, um subtipo que pode ser particularmente desafiador para os clínicos. A transferência idealizadora ocorre quando o cliente projeta uma imagem idealizada do terapeuta, o que pode criar uma dinâmica complexa. A autora discute como essa idealização pode influenciar tanto a percepção do cliente quanto a resposta do clínico, levantando questões éticas sobre a manutenção da autenticidade e a gestão das expectativas do cliente.

A análise crítica apresentada no artigo sugere que, para abordar a transferência idealizadora de maneira eficaz, os clínicos devem estar cientes de suas próprias reações contratransferenciais. A contratransferência, que se refere às respostas emocionais do terapeuta aos sentimentos e comportamentos do cliente, pode ser um recurso valioso, mas também uma armadilha se não for reconhecida e gerida adequadamente.

Spera conclui o artigo apresentando diferentes pontos de vista sobre como os clínicos devem lidar com a transferência idealizadora. A diversidade de abordagens enfatiza a necessidade de uma reflexão contínua e supervisão clínica, para que os terapeutas possam navegar por essas dinâmicas complexas de forma ética e eficaz. A autora argumenta que a interpretação da transferência, que liga as experiências do cliente

no "aqui e agora" às suas representações passadas, é uma ferramenta essencial para a promoção da conscientização e do crescimento pessoal.

3 CONCLUSÃO

A análise da literatura sobre transferência e contratransferência revela a complexidade e a evolução desses conceitos na prática psicanalítica contemporânea. Os artigos revisados destacam como a contratransferência, anteriormente vista como um obstáculo, é agora reconhecida como uma ferramenta valiosa para a compreensão das dinâmicas terapêuticas. O trabalho de O'Heron (Leah. O'Heron, 2007) enfatiza a inevitabilidade da contratransferência e a necessidade de uma definição ampla que permita sua utilização construtiva, enquanto Willott (R. Willott, 2007) discute a transição do terapeuta de um observador neutro para um participante engajado, sublinhando a importância da auto-revelação e da supervisão. Banks (Louise Banks, 2008) aprofunda a discussão ao explorar a contratransferência entre clínicos femininos que trabalham com homens agressores, destacando a relevância da autoconsciência e da reflexão crítica sobre as reações emocionais do terapeuta. Vollenhoven-Brown (Vollenhoven-Brown, 2008) e Walther (Durbin Walther, 2011) abordam os desafios específicos da contratransferência em diferentes contextos, como pacientes com transtorno de personalidade borderline e a crítica à visão clássica que ignora a utilidade das emoções do analista. Tsarkova (Tsarkova, 2015) e Spera (Spera, 2015) discutem a contratransferência em contextos específicos, como a terapia com crianças e a transferência idealizadora, respectivamente. Ambos os artigos enfatizam a necessidade de uma formação contínua e de uma abordagem ética e reflexiva por parte dos clínicos, reconhecendo a contratransferência como uma fonte de insight. Em suma, a literatura revisada demonstra que a transferência e contratransferência são fenômenos complexos que exigem uma compreensão profunda e uma abordagem ética na prática clínica. A evolução do entendimento sobre esses conceitos reflete a necessidade de uma prática reflexiva, onde as emoções do terapeuta são reconhecidas como partes integrantes do processo terapêutico, contribuindo para a cura e o desenvolvimento do paciente.

REFERÊNCIAS

Azevedo, L. M. de S., & Silva, U. P. da. (2025). Abordagem Psicanalítica para Casal e Família: breve revisão de literatura. *COGNITIONIS Scientific Journal*, 8(1), e608. <https://doi.org/10.38087/2595.8801.608>

Banks, Georgia Louise, "Taking the bait : countertransference among female clinicians who work with men who batter" (2008). Masters Thesis, Smith College, Northampton, MA. <https://scholarworks.smith.edu/theses/1303>

O'Heron, Rhyannon Leah., "Pregnant queer clinicians: an exploratory study of the countertransference experiences of queer clinicians during their first pregnancies" (2007). Masters Thesis, Smith College, Northampton, MA. <https://scholarworks.smith.edu/theses/1314>

Patterson, K. A. (2013). How Class Background Influences Negative Countertransference in Outreach Therapy. <https://aura.antioch.edu/etds/62>

Santos, L. G. dos, & Gomes Júnior, A. B. (2024). Reflexões sobre uma intervenção: diálogos entre psicanálise e ergologia. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 17(7), e8331. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.7-168>

Spera, Christine, "Idealization : clinicians and the idealizing transference" (2015). Masters Thesis, Smith College, Northampton, MA. <https://scholarworks.smith.edu/theses/723>

Tsarkova, Asya, "Exploring clinicians' experience of countertransference in play therapy" (2015). Masters Thesis, Smith College, Northampton, MA. <https://scholarworks.smith.edu/theses/669>

Vieira, J. M. de S., Vieira, D. S., Valério Filho, M., Mendes, R. M., & Gomes, C. (2024). Simbolismo e Fantasias Inconscientes Infantis em Melanie Klein: influência da precariedade do saneamento básico em favelas. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 17(10), e11353. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.10-095>

Vollenhoven-Brown, T. (2008). *The holding environment : challenges in the containment of a patient with borderline personality disorder*. (Thesis). University of Cape Town, Faculty of Humanities, Department of Psychology. Retrieved from <http://hdl.handle.net/11427/11206>

Walther, Lauren Durbin, "When therapists attack : an aggressive instinct in the countertransference and aggressive behavior in technique" (2011). Masters Thesis, Smith College, Northampton, MA. <https://scholarworks.smith.edu/theses/1024>

Willott, Sara R., "Experienced and inexperienced therapists : a comparison of attitude toward and use of countertransference disclosure" (2007). Masters Thesis, Smith College, Northampton, MA. <https://scholarworks.smith.edu/theses/409>